



Evento	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2014
Local	Porto Alegre
Título	A natureza humana do comportamento individual nos primórdios do pensamento econômico: uma comparação entre Hume, Smith e Bentham.
Autor	LUCAS SCHONHOFEN LONGONI
Orientador	GLAUCIA ANGELICA CAMPREGHER

O trabalho buscou compreender de que modo a relação entre indivíduo e contexto social-histórico fazia-se presente nas teorias e especulações filosóficas de David Hume (1711 -1776), Adam Smith (1723 – 1790) e Jeremy Bentham (1748 – 1832) – enfocando o papel concedido à natureza individual, suas supostas tendências ou predisposições inatas, sejam elas racionais ou passionais.

Tal pesquisa condiz com a primeira fase de um projeto que busca reinterpretar o conceito de indivíduo na teoria econômica, partindo das considerações intersubjetivistas dos economistas clássicos para ir ao encontro dos economistas institucionalistas. Segue-se metodologicamente três vias de estudo: a antropológica, a fenomenológica e a institucionalista.

Observamos que principalmente em Hume e Smith, a capacidade natural de nos importarmos com o outro, *sympathy*, não diz muito em si, mas ganha concretude com o hábito. Já em Bentham, a *sympathy*, que faz o indivíduo sair de si e se reconhecer no outro, dará lugar ao indivíduo isolado, o que impossibilita a superação da “natureza natural” pela natureza histórico-social do homem.

Hume não movimenta a experiência do indivíduo dentro de paradigmas conceituais diferentes, porém compreende nas circunstâncias culturais e em suas crenças particulares os únicos moventes possíveis para uma “teoria da ação” (refletidos externamente). O indivíduo age baseado em uma crença formulada no hábito e relacionada à vivacidade das impressões e às circunstâncias. Tais motivos perpassam os princípios de utilidade e de simpatia, onde neste reside a construção intersubjetiva dos condicionantes para os objetos do primeiro.

A teoria moral smithiana, ao radicalizar o conceito de simpatia em Hume, incorpora com mais vigor os contextos sócio-históricos e de fato sua construção teórica econômica deve pressupor uma estrutura tácita compartilhada entre os agentes. Logo, conclusões do tipo normativas em Smith não deveriam ser vislumbradas pela ótica naturalista. Os afetos egoístas para Smith, longe de serem impulsos naturais, passam necessariamente pela recomendação social.

Bentham, por sua vez, ao fechar a porta à intersubjetividade, interrompe a construção de uma artificialidade (o terceiro que é o espectador imparcial) que se torna natural. Pelo fato da categoria de análise benthamiana ser em si ahistórica, a saber a utilidade, ele conclui que o indivíduo médio, portanto natural, pois não discriminado, é egoísta. As variações para motivos morais puros são contingentes e devem se dar em torno do eixo médio, podendo ser desconsideradas em análises (econômicas) rigorosas.